

Os 'logotipos poéticos' de Valentim

Após nove anos sem expor no Rio, o pintor Rubem Valentim está apresentando na Galeria Versailles (Shopping Cassino Atlântico) uma coleção de 40 serigrafias produzidas entre 1974 e 1981. São emblemas serigráficos, como prefere o pintor, que define as formas geométricas em vermelho, verde, azul e amarelo como "logotipos poéticos da cultura afro-brasileira".

Baiano de Salvador, vivendo em Brasília desde 1967, 65 anos, Valentim diz que se passou tanto tempo sem voltar foi por não conseguir acumular trabalhos. As cerca de cem telas que produz por ano saem direto dos ateliês que mantém em São Paulo e Brasília para as paredes dos colecionadores, vendidas por preços entre CZ\$120 mil e CZ\$700 mil.

Ele diz que vende bem, mas menos do que poderia, pois seus colecionadores não são da elite econômica, mas da "elite sensível", capaz de gostar de sua geometria criada a partir dos símbolos do candomblé. E, sem tomar fôlego, engrena num protesto contra o mercantilismo do mercado de arte, que estabelece preços altos para artistas "jovens e sem talento" enquanto os verdadeiros criadores têm cotações mais baixas.

— Acho que, dentro da realidade brasileira, meus preços estão justos. O problema é que tem muita gente que cobra preços absurdos, e em dólar, quando nossa moeda é o cruzado. E as galerias ficam forçando os preços para cima. Porque, se dependesse de currículo, eu tenho um dos melhores do Brasil.

Autodidata, Valentim começou a pintar na adolescência, fazendo paisagens para presépios de Natal. Estudou informalmente com um pintor popular, Artur "Come só" ("um Volpi desconhecido"), ao mesmo tempo em que copiava pinturas de Cézanne, Klee, Modigliani e Kandinski. Formou-se em odontologia em 1946, mas dois anos depois trocou a profissão por um curso de jornalismo na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e passou a se dedicar exclusivamente à pintura, produzindo composições geométricas com pipas e balões juninos. E se diz o inventor da vanguarda baiana.

— Fiz a primeira exposição de arte abstrata na Bahia, em 1949. Eu era considerado um artista de vanguarda na Bahia. A vanguarda na Bahia fui eu. Naquela época, os artistas só faziam uma espécie de neo-realismo socialista, e eu comecei a brigar com as pessoas, e saí de lá. Eu criei no Brasil uma geometria particular, própria, que não tem a ver com concretos ou neoconcretos. Eu criei uma linguagem, a minha. Nem tudo é racional, o inconsciente determina.

Mudou-se para o Rio em 1956, e em 1962 recebeu o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna, e se transferiu para a Itália, onde permaneceu quatro anos. Quando voltou ao Brasil, foi convidado para dar aulas na Universidade de Brasília.

— Mas não consegui me adaptar, porque o ambiente era muito repressivo, com a ditadura que ainda não tinha conhecido, pois estava no exterior. Mas comprei um terreno e acabei ficando em Brasília, onde venho tentando fazer meu centro cultural, por meus próprios meios.

O centro cultural é uma casa de 1.500 metros quadrados no Lago Sul, em Brasília, com ateliês de pintura e escultura, três salas de exposição, biblioteca com cinco mil volumes e mais uma discoteca, além de três mil metros de jardins. É um misto de ateliê e residência, onde Valentim pinta e lê sobre política ou ciências ocultas, "para abrir as portas da percepção, entrar em campos desconhecidos, paranormalidade". Pinta diariamente, e diz que leva uma vida de monge, concluindo: "Sou ascético, como minha pintura".